

## O CORPO LÉSBICO

Lucelia Lima

Fabio (*Orientador*)

### Resumo

O nome LÉSBICO, utilizado por mulheres homossexuais, tem uma origem europeia que remonta a crença de que uma determinada poetisa, SAFO, em função dos versos que escreveu, seria uma mulher, amante de outras mulheres. A poetisa viveu há mais de 600 anos a. C. em uma ilha, a ilha de Lesbos. É exatamente o nome dessa ilha que dá origem ao termo LÉSBICO, também utilizado como gentílico pelos moradores da ilha até os dias atuais. Esse artigo pretende percorrer essa trajetória em busca desse mito de origem e observar como até hoje a terminologia, referência às homossexuais, é apropriada.

**Palavras-chave:** Safo, literatura lésbica, homossexualidade, lesbianidades

**D**e Safo, a poetisa da ilha de Lesbos, no Egeu, nascida provavelmente entre 630 a.C. e 604 a. C, restaram alguns fragmentos. Entre esses está um que, segundo um de seus tradutores para a Língua Portuguesa, Manuel Pulquério (2001), é o poema mais conhecido de Safo:

Só hoje sei o que é ser deus... Quem é esse homem que está sentado na tua frente enquanto tu falas descuidada e ris de maneira encantadora? O meu coração bate-me descontroladamente no peito e eu pergunto-me, tentando sondar este mistério:

Que se passa comigo, se, de repente, me vejo a habitar um mundo deserto, se os meus ouvidos parecem feitos de zumbidos e os meus olhos já não servem para ver, se a própria boca indomável das palavras emudeceu?

Como entender este tremor louco sem febre, este gelo que me inteiriça os membros a par deste fogo que pega na caruma interior das minhas veias, este ficar mais verde do que a erva, esta proximidade constante de morrer?

Dizem que tudo se deve suportar. Mas para quê?  
PULQUÉRIO (2001).

No fragmento se percebem os rastros de uma voz, em finais do século VII a.C., em que é possível constatar, segundo os comentários de PULQUÉRIO (2001), um movimento em que “A linguagem é directa; os sentimentos materializam-se sem o recurso a metáforas ou a comparações”. PULQUÉRIO (2001).

Segundo MENESES (2013), *Ciúme* se tornou um importantíssimo poema atribuído à Safo em função da maneira como menciona o corpo que, por meio dos sentidos, concretiza o sentimento de ciúme:

A emoção é percebida no nível corporal: o coração bate com pavor, a cor muda, os sentidos comparecem na sua quase totalidade. Com efeito, 4 dos 5 sentidos são violentamente convocados e atingidos, como que desatinando o sentido do gosto (a língua se parte), o sentido do tato (o fogo sutil sob a pele; o frio suor), a visão (os olhos não veem) e a audição (os ouvidos zumbem). O único sentido que não aparece explicitamente é o olfato. E, finalmente, o corpo na sua totalidade é atingido: “um frêmito se apodera do

corpo todo”, vem a palidez (verde como as ervas) e o símile é a morte. MENESES (2013)

Trata-se, de fato, de um belo exemplo de como o corpo produz sentimentos. Sentimento é corpo que se move por meio de suas partes: coração, peito, ouvidos, olhos, boca, membros, veias. E, ao fazer referência às partes do corpo, o poema materializa emoções: “Como entender este tremor louco sem febre, este gelo que me/inteira os membros a par deste fogo”. Percebe-se, pois, uma abordagem elaborada de tal forma que o sentimento de ciúme vai emergindo das partes do corpo. O ciúme é o coração, o peito, os ouvidos, os olhos, a boca, os membros, as veias.

Em *Não desmaia*, Eduarda, de Natália Borges Polesso, o segundo conto da obra *Amora*, a temática é também o ciúme. A narradora é Eduarda: uma professora. O ambiente é a escola e a casa (da família). O enredo é simples: Eduarda cai de uma escada - queda motivada pelo ciúme (“uma daquelas coisas que acontecem”) que sente de Laura, ao vê-la conversando com Mauro, professor de Direito Penal: “A Laura passando a mão no braço de Mauro, ele rindo”. Laura que mesmo tendo terminado com Eduarda a uma semana já estava “de conversinha” com o colega de trabalho.

São cenas diferentes: Em Safo, o corpo é o ciúme; em Polesso, o corpo se desarticula, cai, machuca-se para lidar com despeito:

Desci as escadas xingando a Laura mentalmente, porque ela era biscate mesmo. Tinha terminado comigo na semana passada e agora já estava de conversinha com o Mauro, professor de direito penal. Eu tinha me preocupado em ajudá-la, fiz resumo, troquei hora de trabalho para estudar com a sem-vergonha, pra quê? Pra ela me dar um pé na bunda e ir direto ao assunto, um pé duro e certo bem no meio da minha bunda, trouxe.

E

Estiquei a perna para dar mais um passo e aconteceu. Joelho retesado, sola do pé pronta para encontrar a firmeza do chão mas não estava. Então aquele segundo que antecede um desastre, aquele em que eu penso que não deveria ter feito alguma coisa que fiz. E a queda. (POLESSO, 2016)

Há um sentimento de culpa, de medo de perder, na voz da personagem. Muito diferente de ciúme em Safo em que o corpo aparece pleno, sem arrependimentos. No conto de POLESSO (2016) bem ao final, Laura chega na casa de sua avó onde estava passando o fim de semana. Não sabe se são seus pensamentos ou de fato está acontecendo: Laura desfaz o equívoco e tenta voltar, mas Eduarda se recusa. O domingo chega ao fim e Eduarda continua sua vida ora com as pernas bem firmes, mas logo em seguida com as pernas voando por cima da cabeça”. É que a vida como afirmara no início ocorre como no ônibus em movimento: em solavancos.

Manuel Pulquério (2001) nomeia os fragmentos por ele traduzidos de Safo: *A Alma e o Corpo em Fragmentos de Safo*.

Mas poder-se-ia falar de alma cindida do corpo há cerca de 600 anos antes de Cristo? Lembremos que a *Teoria da Alma* será elaborada por Platão a mais de 300 anos depois desse período. Há, contudo, no fragmento uma abertura já para o desenvolvimento do conhecer sobre as emoções que se localizam no corpo, nas veias, na carne. Não há ainda uma emoção despregada do corpo nesse período, o que se lê, no entanto, é um caminho para a construção deste duo que será expresso pelos termos alma e corpo.

Todavia, esse título dado pelo tradutor/adaptador (*A Alma e o Corpo em Fragmentos de Safo*) nos remete a uma visão só de fato construída pela razão clássica do século XVII que buscará nos gregos os fundamentos dessa percepção. Trata-se dessa visão dualista do corpo: o material e o imaterial. A maneira como as partes do corpo aparece no fragmento parece ser a mesma como as vemos hoje. No entanto, há uma diferença de séculos, há uma diferença de cultura, há uma diferença de língua e dos usos que se fazem desta, portanto uma diferença de olhar. O que significa dizer que um corpo, embora seja referendado na matéria a que chamamos carne, não se restringe a ela. As tecnologias - dirá Foucault (2020) mais tarde - como a cultura, a linguagem, vão produzir uma imagem, uma produção de sentido que se faz dessa carne.

Assim, o que Safo escreve ao referir-se às partes do corpo está muito longe do que hoje lemos: é que a nossa visão, na condição de perspectiva, enquadramento, percepção, é construída socialmente, culturalmente: há um conjunto cultural que age sobre o nosso olhar que forma a nossa visão. A cultura grego-romana é uma delas, outra

é a cultura judaico-cristã: ambas determinantes para nossa noção de corpo na condição de imagem que se faz da carne, da matéria.

3. Mas os fragmentos atribuídos à Safo abrem uma outra possibilidade. Trata-se do fato de o nome da ilha onde Safo teria nascido ser tomado como radical para referir-se às mulheres que amam mulheres.

Inicialmente, é importante considerar quem teria sido Safo. Segundo Silva e Vilela (2011), Safo teria nascido em Mitilene (ilha de Lesbos) e vivido no século VII a.C. Era “esposa de Kerkolos (Kerkilos?), um homem rico, da ilha de Andros (Cíclade), tendo uma filha chamada Cleis.” (SILVA & VILELA, p. 69, 2011). Já NOGUEIRA (2016) afirma que Safo nasceu em Éresos, uma das cinco cidades da Ilha de Lesbos, entre 630 e 609 a.C. Safo, em função disso, seria uma lesbiense, *lésbia* (*lesbiás*, ou *lesbís*), adjetivos que serviam para fazer referência às mulheres nascidas na ilha.

A historiadora Rosa de Diego (2007) dirá que Safo foi uma poetisa grega que viveu há mais de 2.500 anos a. C. na ilha de Lesbos:

Nació hacia el año 620 a.C., y murió en torno al 570. Su figura está rodeada de misterio e incertidumbre, a medio camino entre la realidad y la leyenda. Parece ser que Safo procedía de una familia noble y adinerada. Su padre era un próspero comerciante de vinos llamado Skamandar, y era la mayor de cuatro hermanos. Además de su actividad literaria y artística, Safo participó asiduamente en las luchas políticas que tuvieron lugar en Lesbos, y cargó muy duramente contra el tirano Pítaco. Se sabe que pasó un periodo de unos seis años de exilio en Siracusa, en Sicilia. (DIEGO, 2007, P. 81)

Rosa de Diego (2007) afirma que Safo teria fundado na ilha de Lesbos uma escola de arte, o que significava na época a produção de várias habilidades como a de tocar um instrumento musical, cantar, fazer versos e preparar-se para o casamento. Ao fazê-lo, compunha para as alunas versos e é por meio do que sobrou, das ruínas dos chamados posteriormente de cânticos sáficos, é que se deduz de Safo uma homossexualidade feminina:

A través de estos poemas puede deducirse que Safo se enamoraba de sus discípulas y mantenía probablemente relaciones con muchas de ellas, algo que en la época se consideraba por otra parte tolerable. En sus

versos cantó abiertamente su amor hacia las mujeres y por ello se convertiría en épocas venideras en un referente de la homosexualidad femenina. (DIEGO, 2007, P. 81)

Lesbos deu origem à palavra lésbica que com o passar dos anos dá origem ao substantivo lésbica para se referir às mulheres que amam mulheres: lésbica vem do latim *lesbius* que por sua vez refere-se ao grego *lesbios*: “Como es bien sabido el nombre de Safo dio origen al término sáfico, mientras que el lugar de su nacimiento, Lesbos, es la raíz del término lesbiana”. (DIEGO, 2007, P. 81)

Mas não se pode afirmar que Safo era lésbica a não ser no sentido gentílico. Trata-se, como afirma Diego (2007), de uma dedução pela escrita, pelo direcionamento de seus versos. É que, de acordo com a professora Rachel Gazolla (2020) o fato de Safo ter uma escola de formação de jovens os seus escritos poderiam simplesmente referir-se a um momento na iniciação de uma jovem ao sexo em preparação para o casamento. A poesia seria parte do processo de ensino que não se restringia a mostrar como se procede uma relação sexual, mas em produzir, realizar uma relação, praticá-la. Afirma Rachel Gazolla (2020) que o que acontecia aos rapazes nos ginásios - uma formação em artes, matemática, filosofia, iniciação sexual - responsável pela educação dos jovens gregos também ocorreria às mulheres. SILVA & VILELA (2011) nos informam que a relação de Safo com suas alunas tanto tinha como objetivo a formação para as festas das divindades - em que um coro (corpo de bailado) era formado por vozes femininas envolvendo mulheres casadas e solteiras - como podia se tratar da tradicional forma de ilha de Lesbos educar suas jovens, com várias escolas de música e poesia. Nesse sentido, “A relação de Safo com suas alunas mais moças parece ser baseada nos princípios da pederastia” (SILVA & VILELA, p. 70, 2011) em que mulheres mais velhas ensinam às mais jovens a manter relação sexual, tal qual acontecia aos homens das ilhas gregas. “Deve ser por isso que, algumas vezes, quando suas alunas se preparavam para deixar sua mestra e se casarem, Safo lhes dedicava versos de amor.” (SILVA & VILELA, p. 70, 2011). De acordo com NOGUEIRA (2016), os termos lesbiás e lesbís não se referem atualmente na Grécia à homossexualidade feminina como o é em português:

Mesmo que forçosamente possa se falar, nesse contexto, de um cidadão lésbico ou de uma poesia lésbica, isso seria simplesmente falar, respectivamente, de um nativo da Ilha de Lesbos e de uma arte poética que se desenvolveu nesta região, que foi o centro da cultura Eólica. (NOGUEIRA 2016, P. 68)

Contudo, houve uma produção que não só tomou Safo por homossexual como também construiu a terminologia que hoje se usa para referir-se ao amor de uma mulher por outra.

Recentemente, – de acordo com a BBC de Londres em Abril de 2008 - os gregos da ilha de Lesbos moveram uma ação para proibir que se utilize o nome ‘lésbica’ para se referir às mulheres homossexuais. Trata-se da ação de três habitantes da ilha que defendem que a palavra seja usada apenas como adjetivo gentílico para os habitantes originários da ilha no noroeste do Mar Egeu. Os processados foram os membros da Comunidade Homossexual e Lésbica Grega (OLKE). Os autores da ação justificam-na pelo fato de a utilização do termo distorcer o significado histórico da palavra. Segundo eles a palavra Lésbica está associada a Safo que teria tido relações sexuais com suas alunas, mas que essa informação estaria equivocada já que pesquisas recentes demonstram que Safo tinha família e cometeu suicídio pelo amor de outro homem. Por outro lado, ao usar a palavra lésbica para se referir a homossexuais, está-se causando problemas para 250 mil habitantes da ilha de Lesbos segundo os impetrantes da ação.

Em Junho de 2008, os impetrantes da ação a perdem sob a justificativa de que a palavra “lésbica” não define a identidade dos nativos da ilha do Mar Egeu, já que os gregos costumam se referir à ilha onde Safo teria nascido como Mitilene - nome de sua capital.

Esse fato nos dá uma dimensão da construção do nome de Safo e da relação deste com a designação das homossexuais. O nome lésbica para se referir à homossexualidade feminina de acordo com NOGUEIRA (2016) tem uma de suas primeiras ocorrências em 1890, em uma obra médica denominada Billing’s Medical Dictionary.

Rosa de Diego (2007) faz um longo percurso em *El Mito de Safo en el relato Decadente* para mostrar um sem número de produções que no final do século XIX - época em que a Europa se nutrirá de mitos da antiguidade, provocando uma busca por temas relacionados a esse momento – referem-se à Safo. A poetisa irrompe no imaginário de fim de século por meio de traduções que vão formando uma

voz da poetisa relacionada à noção de homossexualismo feminino. “Helenistas, filósofos, historiadores, moralistas, escritores y pintores van creando, manipulando y contaminando los rasgos de este mito que se impone finalmente como síntoma de tentación homosexual femenina.” (DIEGO, 2007). O mito poético vai-se confundindo com o mito sexual.

Leticia Batista Rodrigues Leite (2017), em análise a uma pesquisa, feita entre os meses de junho e setembro de 2016, sobre a terminologia LÉSBICA no Brasil com o propósito de averiguar se havia uma identificação de Safo por parte das mulheres “como uma figura importante para a construção de narrativas que visam conferir à representatividade lésbica uma profundidade histórica” LEITE (2017), chega à conclusão de que somente 9,1% jamais teriam ouvido falar sobre Safo, mesmo assim duas dessas consideram importante fazer uso dos termos lesbianidades para se referir à homossexualidade feminina. 90,9% afirmaram ter ouvido falar ou ler sobre Safo e a Ilha de Lesbos. Trata-se de uma pequeníssima amostragem, mas configura uma espécie de uso do passado como forma de identificação por um grupo de brasileiras hoje, o que contribui para o processo de autoaceitação. LEITE (2017) conta-nos uma emocionante narrativa de uma das entrevistadas:

Uma das respondentes, por sua vez, ao justificar o porquê ela considera Safo como uma figura histórica relevante, apresenta um breve e significativo relato pessoal: “Tive uma pequena citação de SAFO no meu ensino médio, não lembro o motivo pelo qual o professor citou. Naquele momento me senti incluída, pois pensava que ser lésbica era algo novo, quando vi soube da história da ilha e das mulheres que ali viviam, me senti normal.” (LEITE, 2017)

O que a depoente de LEITE (2017) talvez ignore é que a noção de um não lugar para mulheres que amam mulheres provém de uma tradição que insiste não em ignorar-lhe a existência, mas em construir-lhe uma posição marcada pelo estigma. O mito construído em torno de Safo é uma forma de percebê-lo: há um resgate do passado como forma de dar a ele as circunstâncias do presente.

4. Na *História da Sexualidade*, no tomo *Cuidado de si*, Michael Foucault (2020) toma um manual de onirocrisia (interpretação dos sonhos) e o lê, para pensar a própria constituição discursiva da



subjetividade moderna. Escolheu, para fazê-lo, observar como, em uma determinada época, (século II d. C.) se dão alguns esquemas de apreciação em relação aos atos práticos da vida geralmente aceitos pela maioria.

*A chave dos sonhos*, de Artemidoro, de acordo com Foucault (2020), por se tratar de um manual voltado à vida cotidiana, para ajudar aqueles que procuram o oráculo (Delfos), torna-se um guia prático cujo propósito é conduzir o indivíduo a um destino.

Exercícios, meditação, memorização do passado, exame de consciência e as representações conferidas ao espírito de acordo com Foucault (2020) realizam a *epiméleia heautou*, na linha socrática do conhece-te a ti mesmo.

Foucault (2020) analisa a obra de Artemidoro e seleciona, entre os vários tipos de sonhos, os alegóricos, e entre as várias formas de alegorias as que dizem respeito aos sonhos sexuais. De acordo com Foucault (2020), há três tipos de sonhos nessa ordem: há aqueles que ocorrem de acordo com a lei, há os que contrariam a lei e finalmente os antinaturais.

Entre os sonhos que ocorrem de acordo com a lei, as mulheres são, nos sonhos, as imagens que cabem a um sonhador. Veja que a perspectiva de Artemidoro desenvolvida por Foucault (2020) é a de que o sonhador seja um homem hétero. Assim, é positivo que este sonhador sonhe com uma mulher, seja ela prostituta, uma mulher casada, não importa, todas essas qualidades do ser com quem se sonha continuam positivas. O que importa é o *status* desse ser com quem se sonha:

É preciso entender essa condição no sentido amplo: trata-se do status social do 'outro'; é o fato de ele ser ou não casado, livre ou escravo, é o fato de ele ser jovem ou velho, rico ou pobre; é a sua profissão; é o lugar onde é encontrado; é a posição que ele ocupa em relação ao sonhador (esposa, amante, escravo, jovem protegido etc.). A partir daí pode-se compreender, sob a sua desordem aparente a maneira pela qual o texto se desenrola: ele segue a ordem dos parceiros possíveis segundo seu status, seu vínculo com o sonhador, o lugar onde este os encontra. (Foucault, 2020, p. 24)

Pode o sonhador em sonho cometer adultério, visitar prostitutas, escravos da casa, ou sonhar masturbando um serviçal. Foucault

(2020) alerta que “é preciso compreender que o que determina para Artemidoro o sentido prognóstico do sonho e, portanto, de uma certa maneira o valor moral do ato sonhado é a condição do ou da parceira e não a própria forma do ato” (Foucault, 2020, p. 24). Os sonhos que estão de acordo com a lei privilegiam o *status* social do “outro” (do ser com quem se sonha). Se se sonha mantendo relações sexuais com um serviçal isso em si não é um problema, desde que a posição seja sobre o serviçal e não sob. O mesmo ocorre com a prostituta ou com uma mulher casada. Se o homem sonha mantendo relação sexual com outro homem é o *status* deste que conta. Não implica dizer que as relações entre homens sejam contrárias à lei, mas a depender da posição durante o ato sexual e a riqueza dos envolvidos. Quem sonha terá a ganhar se o faz com alguém em posição superior: por cima e na condição de quem penetra. Não importa também se um homem sonha tendo relações com uma mulher vinculada a outro casamento, mas se na relação está sob esta mulher e não abaixo dela; se depende dinheiro com ela ou qualquer tipo de riqueza, ou se essa riqueza é-lhe subtraída. O sonho será favorável desde que favoreça à penetração masculina e ao ganho de bens.

Os sonhos contrários à lei são aqueles em que quem sonha está praticando incesto: um pai mantendo relação com a filha é um sonho contrário à lei que pode ser interpretado como negativo; mas se a mãe mantém relação com o filho pode ser positivo, desde que o filho controle a riqueza.

E, finalmente, quanto aos sonhos contrários à natureza são aqueles em que se mantém relação sexual com os deuses, com os animais, com os cadáveres, consigo mesmo. Mas lembre-se que quando um homem sonha masturbando-se isso nem sempre significa um ato negativo. Pode ser visto como positivo. Mas há nessa categoria um tipo de sonho completamente contra a natureza: trata-se de sonhar que duas mulheres mantêm relação entre si. É esse tipo de sonho comparável ao que seria sonhar mantendo relação sexual com um cadáver tal o nível de degradação e falta de sorte a que se chega:

Quanto à relação entre mulheres poder-se-ia perguntar por que elas aparecem na categoria dos “atos fora da natureza” ao passo que as relações entre os homens se distribuem nas outras rubricas (e essencialmente naquela dos atos conforme à lei). A razão disso está, sem dúvida, vinculada à forma de relação

que Artemidoro privilegia, a da penetração: por meio de um artifício qualquer, uma mulher usurpa o papel do homem, toma abusivamente sua posição e possui a outra mulher. (FOUCAULT, 2020, p. 32)

Michel Foucault, ao analisar um manual de sonhos do século II d. C, está em busca de registros que demonstrem o uso de técnicas, de meios responsáveis por configurar o que resultou no sujeito da modernidade. A configuração dos corpos modernos é, pois, pensada como resultado dessas técnicas empregadas no sentido de produzir uma imagem do corpo e ao mesmo tempo produzir um lugar para os corpos: para construir o corpo hétero é preciso construir-lhe o “outro” desse corpo: é no lugar desse “outro” que é colocada a subjetividade dos homossexuais.

## Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo, SP: Martin Claret, 2005.

AGAMBEN, Giorgio. **Dispositivo**. In: **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó, SC: Argos, 2009

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. **Confissões / tradução do latim e prefácio de Lorenzo Mammi**. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics. Companhia das Letras, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós modernidade**. Trad. Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Revisão técnica: Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 1998

BBC. **Gregos de Lesbos perdem causa para proibir termo ‘lésbica’**. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2008/07/080722\\_lesbosprotest](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2008/07/080722_lesbosprotest). Acessado em: jan. 21

BIRMAN, Joel. **Apresentação in: Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2017.

BUTLER, J. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Trad. Rogério Bettoni. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018

BUTLER, J. **Corpos em aliança e política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Trad. Fernanda Siqueira Miguens. Revisão Técnica: Carla Rodrigues 1. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018

CAMARGO, Fábio Figueiredo; GARCIA, Paulo César. **Homocultura e Linguagens**. Salvador: EDUNEB, 2016.

\_\_\_\_\_. PAGANINI, Luís Antônio, PASSOS, Vinícius Lopes (org.) **Inventário do corpo: recortes e rasuras**. 1. ed. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2011

CORTÁZAR, Júlio. **Alguns Aspectos do conto**. In: **Valise de cronópio**. Trad. de David Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1999.

COULANGES, Fustel de. **A família**. In: **A cidade antiga**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007

DIEGO, Rosa de. **El mito de Safo em el relato decadente**. Anales de Filología Francesa, n. 15, 2007. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/234784622.pdf>. Acesso em: jan. 19.

DUMONT, Adilson; PRETO, Édison Luis de Oliveira. **A visão filosófica do corpo**. Escritos educ., Ibirité, v. 4, n. 2, p. 7-11, dez. 2005. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-98432005000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-98432005000200002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: out. 20.

FRASER, N. **Rethinking the public sphere: a contribution to the critique of actually existing democracy**. In: CALHOUN, C. (Ed.). **Habermas and the public sphere**. Cambridge: M.I.T. Press, 1991. p. 109-142 [Repensando

la esfera pública: una contribución a la crítica de la democracia actualmente existente. Revista Ecuador Debate, n. 46, s/n, 1999]

FOUCAULT, Michel. **Prefácio à transgressão. In: Ditos e Escritos III. Estética: literatura e pintura, música e cinema.** Org. MOTTA, Manoel Barros da. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 10. Ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: paz e terra, 2020

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3:O cuidado de si.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 7. Ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: paz e terra, 2020.

FIGUEIREDO, Ivanilda **Visibilidade sapato nas redes [livro eletrônico]: entre violência e solidariedade / Ivanilda Figueiredo, Joana Varon.** 2. ed. São Paulo: Coding Rights, 2020. Disponível em: [https://codingrights.org/docs/visibilidade\\_sapatao.pdf](https://codingrights.org/docs/visibilidade_sapatao.pdf). Acesso em: jan. 2021

GALVÃO, Walnice Nogueira. **“Cinco Teses Sobre o Conto”.** In: **PROENÇA FILHO, Domicio (org.). O Livro do Seminário.** São Paulo: L. R. Editores Ltda., 1983, pp. 165-172

LEITE, Letticia Batista Rodrigues. **Safo de lesbos: ícone lésbico?.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13thWomen’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503236042\\_ARQUIVO\\_Texto\\_completo\\_MM\\_FG\\_letticiabrl.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503236042_ARQUIVO_Texto_completo_MM_FG_letticiabrl.pdf). Acesso em: jan. 2021.

LE GOFF, Jacques & TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOPES, Graça Videira. **A sátira nos cancioneiros medievais galego-portugueses.** 2. ed. Lisboa, Estampa, 1998, p. 277.

MENESES, Adélia Bezerra de. **Mito e paixão: o ciúme. Safo, Lupicínio, Caetano.**, v. 35, n. 55, p. 219-233. São Paulo: jan. 2013 . Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062013000100018&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000100018&lng=pt&nrm=iso). Acessos: 28 fev. 2021.

NOGUEIRA, Ricardo de Souza. **As Expressões do Páthos no Fragmento 31 (Page), De Safo.** TO ΕΛΛΗΝΙΚΟ ΒΛΕΜΜΑ. O OLHAR GREGO. n.1. Rio de Janeiro: UERJ, 2016.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves.** Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

POLESSO, Natália Borges. **Amora.** Porto Alegre: Não Editora, 8. Ed. 2020

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual.** Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo, n.1, 2017.

PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira. **A alma e o corpo em fragmentos de Safo: traduções e adaptações. Máthesis.** n. 10. Disponível em: [http://www4.crb.ucp.pt/Biblioteca/Mathesis/Mat10/mathesis10\\_155.pdf](http://www4.crb.ucp.pt/Biblioteca/Mathesis/Mat10/mathesis10_155.pdf). Acesso em: janeiro de 2021 .

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo.** São Paulo: Ubu editora, 2017

SILVA, Fábio Mario da & VILELA, Ana Luísa. **Homo(lesbo)erotismo e literatura, no Ocidente e em Portugal: Safo e Judith Teixeira.** Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/62446113.pdf>. Acesso em: 11 de nov. de 2020